Antropoceno *avant la lettre*: a "septième époque" do Conde de Buffon – breve estudo

https://doi.org/10.21814/anthropocenica.6866

O conceito de "Antropoceno" foi formalmente introduzido no meio científico no ano 2000, por iniciativa do químico atmosférico holandês Paul Crutzen e do limnologista americano Eugene Stoermer. A proposta, publicada num texto que se tornaria referência fundamental, apresentava o termo como um neologismo destinado a nomear uma nova era geológica marcada pela ação humana como força transformadora do Sistema Terrestre. No entanto, os próprios autores reconheceram que, embora o termo "Antropoceno" fosse inédito, a ideia que ele expressa já estava esboçada em obras de pensadores anteriores. Entre esses, destacaram George Perkins Marsh, em *Man and Nature* (1864), Antonio Stoppani, em *Corso di Geologia* (1873) e, mais tarde, Édouard Le Roy (1925, 1927), Pierre Teilhard de Chardin (1925/1957, 1955) e Vladimir Vernadsky (1929, 1944, 1945), cujos escritos sobre a "noosfera" anteciparam elementos centrais do conceito (Crutzen & Stoermer, 2000).

Alguns estudiosos, todavia, como, por exemplo, Heringman (2015: 78) e Fressoz (2015: 74), sugerem que as origens do conceito podem ser traçadas até ao século XVIII, mais especificamente até Georges-Louis Leclerc, Conde de Buffon, e à sua noção de "sétima época" proposta em 1778.

Não pretendo discutir aqui se essa ideia buffoniana constitui, de facto, o primeiro antecedente conceptual genuíno do Antropoceno, ou se se limita a uma formulação que revela meras afinidades – no sentido wittgensteiniano de uma "semelhança de família" (Familienähnlichkeit) (Wittgenstein, 1953: §67). Esta questão remeter-nos-ia inevitavelmente para um debate mais vasto: saber se o Antropoceno representa um conceito verdadeiramente inédito ou se, pelo contrário, se inscreve numa genealogia já estabelecida.

A tradução do capítulo "Septième et dernière époque", de *Des Époques de la Nature*, que aqui se apresenta, justifica-se não apenas pelo seu valor histórico, mas também por mostrar de que modo o naturalista francês, ainda que limitado pelo conhecimento científico do seu tempo, lançou as bases para uma compreensão sistémica da ação humana enquanto força transformadora da natureza – antecipando, em termos qualitativos, a problemática central do Antropoceno. Desta forma, o texto não só contribui para esclarecer as raízes do

debate contemporâneo, como também convida a uma reflexão crítica sobre os critérios que sustentam a própria definição de uma era geológica de origem antropogénica

De seguida, farei uma leitura crítica do excerto, procurando avaliar tanto o seu significado original como as possíveis ressonâncias com o debate contemporâneo em torno do Antropoceno. Antes disso, proponho uma dupla contextualização: em primeiro lugar, através de uma breve nota biográfica sobre o Conde de Buffon; em segundo, com uma descrição sintética da estrutura de *Des Époques de la Nature* e do percurso argumentativo que culmina na formulação da sétima época.

1. Nota biográfica do Conde de Buffon[1]

Georges-Louis Leclerc (1707–1788) foi um dos naturalistas mais influentes do Iluminismo, cuja obra estabeleceu uma ponte entre a filosofia natural clássica e os primeiros desenvolvimentos do pensamento evolucionista moderno. Nascido em Montbard, na Borgonha, no seio de uma família de pequena nobreza, iniciou os seus estudos em Direito, mas rapidamente orientou o seu interesse para a matemática e a filosofia natural. A aquisição, pelo pai, do senhorio de Buffon conferiu-lhe estatuto aristocrático e independência financeira, permitindo-lhe dedicar-se livremente à pesquisa científica. Em 1739, foi nomeado diretor do Jardin du Roi – fundado por Luís XIII e mais tarde transformado no Jardin des Plantes do Muséum National d'Histoire Naturelle –, cargo que ocuparia até à sua morte. A partir dessa posição, exerceu uma influência determinante sobre a história natural francesa, formando uma geração de notáveis investigadores, entre os quais se contam Jean-Baptiste de Lamarck (1744–1829), Georges Cuvier (1769–1832) e Étienne Geoffroy de Saint-Hilaire (1772–1844).

O mundo em que o Conde de Buffon viveu, no início da Revolução Industrial e na vizinhança da Revolução Francesa, relembram Zalasiewicz et. al. (2018), era bastante diferente do nosso, nomeadamente

> (…) was one where the atmosphere still held a standard interglacial measure of 280 parts per million of carbon dioxide, rather than the 400 today, the latter being akin to that of the Pliocene Epoch, before humans walked the Earth. It still had nitrogen and phosphorus cycles that were undisturbed, rather than approximately doubled in scale. The biosphere, though long impacted by humans on land, was still almost pristine in the oceans— and its recent offshoot, the technosphere that both nurtures and binds us today, had barely begun its explosive development (xvi).

[1] A biografia de referência continua a ser o trabalho de Jacques Roger: *Buffon. Un philosophe au Jardin du Roi* (1989).

Ainda assim, ao polímata aristocrata francês, que sabia combinar a observação meticulosa com uma ousada síntese teórica, não escapou que a natureza estava em constante transformação – e que o próprio planeta tinha uma história dinâmica, sujeita a mudanças profundas ao longo do tempo.

O seu legado consagra-o como figura destacada da história da ciência setecentista, situado entre Aristóteles e Darwin, cuja visão antecipatória discerniu os primeiros sinais das crises ambientais que hoje enfrentamos. Esta perspicácia transforma a sua obra, nascida no século XVIII, num espelho surpreendentemente lúcido para refletirmos sobre os dilemas ecológicos do Antropoceno.

O Conde de Buffon faleceu em 1788, no limiar entre as duas referidas forças históricas que viriam a reconfigurar radicalmente a relação entre humanidade e natureza que ele tão meticulosamente estudara. Contudo, as suas ideias transcendem o seu tempo, ecoando com crescente relevância no século XXI.

2. O texto *Des Époques de la Nature*

Em 1749, o Conde de Buffon iniciou a publicação da sua monumental *Histoire Naturelle*, que viria a contar com 36 volumes. Tratou-se de uma ambiciosa tentativa de catalogar e interpretar a totalidade do mundo natural. Após o lançamento do primeiro volume, incluindo dois discursos – um sobre o "Modo de estudar a História Natural", que constitui uma crítica à taxonomia de Lineu, e outro sobre a "História e Teoria da Terra" –, seguiram-se dois volumes dedicados aos humanos e aos quadrúpedes. Entretanto, enquanto o seu colaborador Guéneau de Montbéliard se encarregava de redigir volumes sobre as aves (1770–1783) e antes de passar aos volumes sobre a história dos minerais com a ajuda de Guyton de Morveau, o Conde de Buffon fez sair uma série de suplementos aos primeiros volumes. O quinto desses suplementos, datado de 1778, corresponde a *Des Époques de la Nature*.

Este último, em contraste com a sua *Histoire Naturelle*, é um volume conciso, mas com uma visão ousada. Nele, o Conde de Buffon não se limita a descrever fenómenos isolados: constrói um modelo integrado do planeta, onde rochas, atmosfera, oceanos, vulcões e seres vivos interagem num sistema coerente. O seu objetivo era nada menos do que narrar a história completa da Terra – desde a sua origem como massa incandescente até um futuro longínquo de arrefecimento inevitável – tratando-a como um planeta entre outros, sujeito às mesmas leis físicas do universo. *Des Époques de la* Nature, afirmam ainda Zalasiewicz et. al. (2018) é "(…) the first full narrative of the Earth on natural history principles" (xix).

A sua estimativa de que a Terra teria, no mínimo, 75 mil anos (e, em manuscritos não publicados, até 3 milhões de anos) era profundamente inovadora – e arriscada. Num tempo em que a cronologia bíblica do bispo irlandês

James Ussher (1581-1656) – que datava a criação em 4004 a.C. – ainda exercia forte influência, o Conde de Buffon viu-se obrigado a apresentar as suas ideias com cautela. A estrutura do livro reflete essa prudência: começa com um "Primeiro Discurso", que funciona como uma espécie de defesa intelectual, seguido pelos capítulos que descrevem cada época marcada por transformações geológicas e biológicas, e, por fim, temos uma série de "notas justificativas" contendo evidências em apoio da sua visão.

A narrativa inicia-se com um impacto cósmico – um cometa que arranca matéria do Sol, dando origem aos planetas – e avança através de eras de arrefecimento, mares universais, formação dos continentes e, por fim, o aparecimento da humanidade.

Na sétima e última época, "Quando o poder do homem auxiliou o da Natureza", Buffon introduz uma ideia radical: os humanos não são apenas habitantes do planeta, mas verdadeiros agentes de mudança, capazes de alterar o clima e adiar o declínio térmico da Terra. A sua visão, ainda que otimista quanto à capacidade humana de "melhorar" a natureza, contém já os germes do debate moderno sobre o impacto ambiental das sociedades humanas.

Des Époques de la Nature é, assim, uma obra de rara combinação – científica na metodologia, filosófica na pretensão e literária na construção de uma narrativa cósmica. Se algumas das suas hipóteses eram especulativas (como a existência de civilizações perdidas ou a influência humana no aquecimento global), o seu mérito reside precisamente na tentativa de, pela primeira vez, sintetizar a Terra como um sistema dinâmico e em constante evolução. Hoje, perante crises ecológicas sem precedentes, a obra do Conde de Buffon ressoa não apenas como documento histórico, mas também como um convite a repensarmos o nosso lugar na longa história do planeta.

3. Apontamentos críticos sobre a "Septième et dernière époque"

Nesta peça textual, o Conde de Buffon apresenta uma narrativa densa e envolvente acerca da ascensão do ser humano como agente dominante sobre a natureza. Não se limita a uma simples descrição cronológica dos acontecimentos; antes, constitui uma meditação filosófica sobre o lugar do homem no cosmos e o seu papel transformador no mundo natural. A análise desta peça textual revela tanto lampejos de uma visão quase profética quanto limitações típicas do pensamento iluminista, especialmente evidentes quando se confronta o texto com os paradigmas científicos e éticos contemporâneos.

O conde de Buffon traça uma linha evolutiva onde os primeiros humanos, inicialmente frágeis e à mercê da natureza, gradualmente desenvolvem ferramentas e técnicas para dominar o seu ambiente. A sua descrição do uso do fogo e do desenvolvimento de armas como marcos civilizacionais – "Ils ont commencé par aiguiser en forme de haches ces cailloux durs (…)"/ "Começaram por afiar, em forma de machados, aqueles seixos duros (…)" (225) – reflete uma

visão progressista da história humana. No entanto, a antropologia moderna – como demonstram, entre outros, os trabalhos de Ingold (2000) e Descola (2005) – questiona essa linearidade, mostrando que muitas sociedades desenvolveram relações complexas de coexistência com a natureza, não necessariamente baseadas na dominação.

A tese do Conde de Buffon sobre o surgimento das primeiras civilizações na Ásia Central – "c'est donc dans cette terre plus élevée (…) que s'est formé le premier peuple digne de porter ce nom (…)" / "Foi, portanto, nessa terra mais elevada (…) que se formou o primeiro povo digno desse nome (…)" (229) – revela um eurocentrismo comum na sua época. A arqueologia contemporânea (e.g., Derev'anko et al., 1998), todavia, demonstra que o desenvolvimento civilizacional ocorreu de forma multifocal e independente em diversas regiões do mundo. A sua ênfase no clima ideal como fator determinante – "(…) toutes ces conditions, toutes ces circonstances se sont trouvées réunies dans le centre du continent de l'Asie (…)" / "(…) todas essas condições, todas essas circunstâncias, reuniram-se no centro do continente asiático (…)" (228) – ignora a complexidade dos fatores culturais e sociais no desenvolvimento das sociedades complexas.

O Conde de Buffon celebra apaixonadamente a capacidade humana de modificar o ambiente – "(…) la face entière de la terre porte aujourd'hui l'empreinte de la puissance de l'homme (…)" / "toda a face da Terra traz hoje a marca do poder do homem" (237) –, o que pode ser interpretado como um prenúncio, ainda que impreciso, do que hoje se conceptualiza como Antropoceno, particularmente na sua ideia original da "sétima época". Porém, esta perspectiva optimista contrasta de forma acentuada com as interpretações contemporâneas sobre os impactos ambientais. Ao afirmar que "[c]e n'est donc que depuis environ trente siècles, que la puissance de l'homme s'est réunie à celle de la nature, et s'est étendue sur la plus grande partie de la terre / "(…) apenas há cerca de trinta séculos é que o poder do homem se uniu ao da natureza e esse estendeu sobre a maior parte da Terra" (236), não antevê as crises ecológicas que hoje enfrentamos. A sua crença no "(…) point de perfection et de magnificence (…)" / "ponto de perfeição e magnificência (…)" (237) alcançado pela intervenção humana revela-se, à luz da perda acelerada da biodiversidade e das transformações climáticas contemporâneas, uma visão limitada e, em certa medida, ingénua (Moore, 2015).

A narrativa do Conde de Buffon sobre a "perda das ciências" e a degeneração cultural – "(…) l'homme d'alors replongé dans les ténèbres de l'ignorance, a pour ainsi dire cessé d'être homme" / "O homem de então, mergulhado novamente nas trevas da ignorância, pode dizer-se que deixou de ser homem" (235) reflete uma hierarquização cultural problemática. A sua distinção entre povos "civilizados" (civilisés) e "selvagens" (sauvages) serviu para justificar projetos coloniais, ignorando os sistemas de conhecimento

indígenas (Scott, 2017). A ideia de que algumas sociedades seriam "fléaux de la nature humaine" ("flagelos da natureza humana", 237) revela um etnocentrismo que a antropologia contemporânea rejeita.

O Conde de Buffon exalta a domesticação de plantas e animais como ápice do progresso humano – "(…) le premier trait de l'homme qui commence à se civiliser est l'empire qu'il sait prendre sur les animaux (…)" / "(…) o primeiro traço do homem que começa a civilizar-se é o domínio que sabe tomar sobre os animais (…)" (248). A sua descrição da seleção artificial – "Combien de milliers de germes n'a−t−il pas été obligé de confier à la terre pour qu'elle les ait enfin produits?" / "Quantos milhares de sementes não terá confiado à terra para que esta as produzisse finalmente?" (251) – antecipa princípios da genética, mas a sua visão utilitarista da natureza – "(…) détruisant les herbes inutiles et les végétaux nuisibles ou superflus (…)" / "(…) destruindo as ervas inúteis e os vegetais nocivos" (246) – contrasta com a ética ambiental contemporânea que valoriza a biodiversidade por si mesma.

A questão final do Conde de Buffon – "Qui sait jusqu'à quel point l'homme pourrait perfectionner sa nature (…)?" / "Quem sabe até onde o homem poderia aperfeiçoar a sua natureza (…)?" (253) – revela o núcleo do projeto iluminista. Porém, a sua crença no progresso linear através da razão subestima os limites ecológicos e as complexidades sociais. A história subsequente mostrou como a "vontade guiada pela inteligência" (253) pode servir tanto à emancipação quanto à opressão, como evidenciaram, por exemplo, Max Horkheimer e Theodor Adorno, (1947).

Enfim, o Conde Buffon foi simultaneamente visionário e produto do seu tempo. Se por um lado antecipou conceitos como o Antropoceno e a seleção artificial, por outro a sua visão estava limitada por uma conceção linear e eurocêntrica do progresso, a naturalização da dominação ambiental, a hierarquização cultural dos povos, uma fé ingénua na razão técnica. Contudo, a sua obra permanece relevante precisamente por essas contradições, que espelham dilemas ainda não resolvidos na nossa relação com a natureza e com outras culturas. O desafio contemporâneo consiste em valorizar a sua perceção do impacto transformador da ação humana, ao mesmo tempo que superamos as suas limitações éticas e epistemológicas.

Referências

Buffon, C. de (1778). *Des époques de la nature*. In *Histoire naturelle générale et particulière*, Supplément, tome Cinquiéme. Imprimerie Royale. (trad. inglesa: *The epochs of nature* (J. Zalasiewicz, A.-S. Milon, & M. Zalasiewicz, trads.). University of Chicago Press. 2018).

Derev'anko, A. P. (Ed.), Shimkin, D. B., & Powers, W. R. (Eds.). (1998). *The Paleolithic of Siberia: New discoveries and interpretations* (I. P. Laricheva, Trans.). University of Illinois Press.

Descola, P. (2005). *Par-delà nature et culture*. Gallimard.

Fressoz, J.-B. (2015). Losing the Earth knowingly: Six environmental grammars around 1800. In C. Hamilton, C. Bonneuil, & F. Gemenne (Eds.), *The Anthropocene and the global environmental crisis* (pp. 70-84). Routledge.

Heringman, N. (2015). Deep Time at the Dawn of the Anthropocene. *Representations*, *129*(1): 56-85.

Horkheimer, M., & Adorno, T. W. (1947). *Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente*. Amsterdam: Querido.

Ingold, T. (2000). *The perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. Routledge.

Le Roy, É. (1927). *L'exigence idéaliste et le fait de l'évolution*. Boivin.

Le Roy, É. 1928. *Les origines humaines et l'évolution de l'intelligence*. Boivin & Cie. (Partie III. « La noosphère et l'hominisation »).

Moore, J. W. (2015). *Capitalism in the web of life: Ecology and the accumulation of capital.* Verso.

Roger, J. (1989), *Buffon. Un philosophe au Jardin du Roi*. Fayard.

Scott, J. C. (2017). *Against the grain: A deep history of the earliest states*. Yale University Press.

Teilhard de Chardin, P. (1955). *Le phénomène humain*. Éditions du Seuil.

Teilhard de Chardin, P. (1957/1925). L'hominisation: Introduction à une étude scientifique du phénomène humain. In *Œuvres de Pierre Teilhard de Chardin: Tome III. La vision du passé* (pp. 75-111). Éditions du Seuil. (Trabalho original redigido em 6 de maio de 1925)

Vernadsky, V. I. (1929/1926). *La biosphère*. Félix Alcan. (Orig.: *Биосфера*, Научное химико-техническое издательство/*Biosfera*, Nauchnoe khimiko-tekhnicheskoe izdatel'stvo/*Biosfera*, Editora Científica Químico-Técnica, 1926)

Vernadsky, V. I. (1944). Problems of biogeochemistry II: The fundamental matter-energy difference between the living and inert natural bodies of the biosphere. *Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences, 35*: 483-517.

Vernadsky, V. I. (1945). The biosphere and the noosphere. *American Scientist, 33*(1): 1-12.

Wittgenstein, L. (1953). *Philosophische Untersuchungen*. Suhrkamp.

Zalasiewicz, J., Sörlin, S., Robin, L., & Grinevald, J. (2018). Introduction: Buffon and the history of the Earth. In G.-L. Leclerc, comte de Buffon, *The epochs of nature* (pp. xiii-xxxiv). University of Chicago Press.